

20/02/2019 - 05:00

Esquenta o debate climático nos EUA

Por **Martin Wolf**

Será que os Estados Unidos poderão deixar de ser um retardatário e passar a ser um líder na gestão da mudança climática mundial? Dois anúncios recentes - a "declaração dos economistas sobre dividendos de carbono" e o New Deal Verde - sugerem que sim. Do ponto de vista intelectual, essas propostas provêm de planetas diferentes. Mas, podem ser a base de uma coisa razoável. E, o que é mais importante, pessoas influentes pelo menos concordam que seria moralmente condenável os EUA se manterem inflexíveis.



A declaração dos economistas foi assinada por 3.333 economistas americanos, entre os quais quatro ex-presidentes do Federal Reserve, 27 laureados com o prêmio Nobel e dois ex-secretários do Tesouro. A declaração tem quatro elementos: uma tarifa gradualmente crescente sobre o carbono, a partir de US\$ 40 a tonelada; um dividendo pago "à população americana equitativa e trimestralmente"; ajustes de fronteira sobre o teor de carbono dos produtos importados e exportados; e eliminação de regulamentações desnecessárias. Este plano deverá também ser proposto a "outros países que se destacam como emissores de gases-estufa".

O New Deal Verde foi criado por um grupo de democratas da Câmara dos Deputados, liderado por Alexandria Ocasio-Cortez. Trata-se de uma proposta de transformar a economia dos EUA. Entre as metas notáveis referentes ao clima estão "o atendimento de 100% da demanda por energia elétrica nos EUA por meio de fontes energéticas limpas, renováveis e de emissões zero", "a construção de ou a transição para redes de energia elétrica eficientes em utilização de energia, distribuídas e inteligentes", e "a modernização de todas as construções existentes nos EUA e a construção de novas edificações para obter eficiência energética máxima".

Os EUA são um participante central das discussões mundiais sobre mudança climática por quatro motivos: são o segundo maior país do mundo em termos de emissões de gases-estufa, respondendo por 14% do total; suas emissões per capita são muito elevadas; são dotados de recursos tecnológicos excepcionais; e têm se revelado altamente rebeldes. Em resumo, a participação dos EUA é uma condição necessária, embora não suficiente, para o enfrentamento da ameaça climática.

Infelizmente, essa ameaça se tornou iminente, como observa o New Deal Verde. A elevação das temperaturas médias para níveis superiores aos pré-industriais já alcança 1°C. Já será necessária a adoção de mudanças drásticas para mantê-la abaixo de 2°C, que dirá de 1,5°C. Quanto mais elevada for, mais imprevisíveis e perigosas se tornarão essas mudanças irreversíveis. Sobretudo, a tendência a registrar emissões mais elevadas tem de ser revertida muito em breve caso se pretenda deter o aumento das concentrações atmosféricas.

Esse é um dos motivos pelos quais é insuficiente recorrer aos incentivos de preços graduados tão apreciados pelos economistas. Os desafios nesse caso são mudanças climáticas irreversíveis com efeitos indeterminados, por um lado, e as consequências imperfeitamente previsíveis da fixação de preços do carbono sobre as emissões, por outro.

Um bom plano tem de ser uma mistura entre incentivos com base em preços e domínio e controle, e investimento em P&D. O fato de que pessoas com diferentes posturas em termos de política pública concordarem que o clima é uma ameaça urgente é um passo à frente

Objetivos quantitativos são inescapáveis. Além disso, as mudanças necessárias no modo de funcionamento da economia exigirá mudanças do planejamento espacial, da regulamentação da construção, da regulamentação da energia nuclear, dos gastos em pesquisa e desenvolvimento e da propagação mundial das novas tecnologias. O mecanismo de preços é poderoso. Mas, como deixa claro um relatório da Comissão de Transições Energéticas, não será suficiente. O plano dos economistas talvez tivesse sido suficiente se implementado no mundo inteiro três décadas atrás. Agora, quase certamente não é.

O New Deal Verde reconhece a necessidade de intervenção regulatória e de investimento em infraestrutura. Infelizmente, não coloca absolutamente qualquer peso em incentivos. Uma carta de ativistas em apoio ao New Deal Verde afirma que "nos oporemos vigorosamente a qualquer legislação que...[inclua] mecanismos pautados pelo mercado e opções tecnológicas como transações de carbono e de emissões e compensações, captura e sequestro de carbono, energia nuclear, geração de energia a partir do lixo e energia da biomassa".

Isso parece um diálogo de surdos. Mas os economistas poderiam reconhecer, simplesmente, que a urgência do New Deal Verde e seu foco em regulação e investimento têm coisas importantes a oferecer. Defensores ativistas do New Deal Verde poderão perceber que incentivos são importantes e que a renda apurada com um imposto sobre o carbono poderá ajudar a comprar apoio da opinião pública. Acima de tudo, poderão reconhecer que ver todos os males sociais pelas lentes da mudança climática é garantia de que eles não conseguirão obter nada de proveitoso. Como disse o socialista britânico Aneurin Bevan, "o discurso das prioridades é a religião do socialismo".

Apenas uma ampla coalizão pode enfrentar o desafio do clima. Assim, planos que têm chance de serem politicamente factíveis serão acordos, formulados a partir de concessões mútuas. Um bom plano tem de ser uma mistura entre incentivos com base em preços e domínio e controle, e investimento em pesquisa e desenvolvimento. O fato de que pessoas com diferentes posturas em termos de política pública concordarem que o clima é uma ameaça urgente é um passo à frente. Mais republicanos poderão aceitar que a ameaça não é um alarme falso e aderir.

Os EUA não podem resolver uma ameaça mundial por si sós. Mas poderão associar o melhor do plano dos economistas e do New Deal Verde. Precisaríamos, então, tornar isso mundial. Isso poderia ser feito por meio de uma combinação entre recompensas - exportação gratuita de tecnologia e ajuda a países pobres - e medidas coercitivas - impostos de fronteira sobre o carbono. Além disso, esta poderia ser uma área em que EUA, a União Europeia (UE) e a China poderiam cooperar. Naturalmente não se pode esperar nenhum arroubo de entusiasmo da parte do governo Trump. Mas pelo menos as pessoas podem planejar para o dia em que ele deixar o cargo.

O pessimismo em torno da capacidade do gênero humano de enfrentar a mudança climática é compreensível. O tempo é limitado, o falatório, abundante e as medidas, irrisórias. Mas podemos apenas partir do princípio, com que todos concordamos, de que há, de fato, uma ameaça que vale a pena enfrentar. Isso pode estar surgindo agora, mesmo nos EUA. Transformar esse consenso num plano factível, mundialmente replicável e politicamente aceitável será muito difícil. Mas desesperar não está entre as opções. Conseguimos ver algum movimento. Pressionemos energicamente por mais. **(Tradução de Rachel Warszawski)**

Martin Wolf é editor e principal analista econômico do FT

